

## PERCEPÇÕES OCIDENTAIS SOBRE O ISLÃ

*Lidiane Bassoli da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO:** É inegável que nas últimas décadas ocorreu um crescimento dos conflitos entre o Ocidente e as regiões do Oriente Médio de predominância muçulmana, ao mesmo tempo em que recrudesceram as ações violentas dos grupos fundamentalistas islâmicos. É neste cenário que o Islã hoje é visto pelo Ocidente, uma religião fundamentalista que abriga movimentos terroristas, e que se opõe à civilização ocidental contemporânea, tanto em âmbitos ideológicos quanto em questões geopolíticas. Os interesses geopolíticos de países ocidentais e a veiculação de imagens e narrativas através da mídia reforçaram e criaram novos estereótipos para esse inimigo do Ocidente. A formulação das imagens negativas e estereótipos desde a época das Cruzadas, com a ascensão ocidental foi utilizada como justificativa de intervenções em questões territoriais, políticas e econômicas. Contudo, tais percepções não levam em conta a história do Islã, sua proximidade com as tradições judaico-cristãs bem como a sua contribuição para o florescimento comercial e artístico do Ocidente. Esta apresentação possui como objetivo demonstrar a genealogia das imagens e percepções estereotipadas sobre o Islã no Ocidente, bem como apontar o modo como essas imagens distorcidas são instrumentalizados enquanto fonte de legitimação para ações repressivas de controle e eliminação dos movimentos fundamentalistas islâmicos e, em especial, nas ações relativas à Palestina. Ao mesmo tempo, pretende-se apresentar a origem comum entre a religião do Islã, o Cristianismo e o Judaísmo apontado essa peculiaridade como um viés de diálogo. Não há pretensão de se construir uma narrativa histórica sobre o Islã, mas recortes que elucidam a constituição da religião e a formação destes estereótipos. Acredita-se que a generalização destes estereótipos e destas imagens negativas, como sendo o Islã, impossibilita o reconhecimento ocidental das contribuições dessa civilização para a modernidade e, a existência de civilizações alternativas à modernidade laica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Islã; Estereótipos; Fundamentalismo; Ocidente

### INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX existiam pensadores tão confiantes nos progressos científicos que a religião passou a ser vista como algo que deveria e seria superado. Passados mais de um século, ao contrário das previsões dos entusiastas das ciências, o que se assiste é um reavivamento das religiões e o avanço de sua influência em esferas como a política e a economia. Neste contexto, as rivalidades e a intolerância tendem a crescer, uma vez que todos os grupos religiosos buscam autonomia, reconhecimento e representatividade. Esses conflitos podem assumir posições extremas quando servem de justificativa ideológica para resoluções de questões territoriais, políticas e econômicas. Povos tendem a ser massacrados, países subjugados, fome e desespero das populações locais, criando espaços férteis para o surgimento de movimentos fundamentalistas radicais. É neste cenário que hoje o Islã é visto pelo

---

1 Graduada em licenciatura em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e Bacharel em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: lidianeassoli@hotmail.com. Orientador: Prof. Dr. Dilip Loundo.

Ocidente, uma religião fundamentalista que abriga movimentos terroristas, e que se opõe à civilização ocidental contemporânea, tanto em âmbitos ideológicos quanto em questões geopolíticas.

Este artigo tem como objetivo apresentar as afinidades entre a religião do Islã e a tradição judaico-cristã, compreender os processos de construção de imagens estereotipadas acentuadamente negativas sobre o Islã, e ainda apontar como essas imagens são utilizadas para justificar a geopolítica defendida pelos países dominantes Ocidentais. Não há pretensão de se narrar o desenvolvimento da história da religião e sim destacar os acontecimentos que serviram de base tanto para a construção desses estereótipos quanto para as reações fundamentalistas islâmicas no decorrer do século XX.

O primeiro momento é dedicado à origem e a expansão do Islã e suas conexões com a tradição judaica e a tradição cristã. No segundo momento, é apresentada a genealogia das imagens e percepções estereotipadas sobre o Islã. Por fim, procura-se demonstrar como a geopolítica ocidental procura nestes estereótipos e nos movimentos fundamentalistas islâmicos uma justificativa simbólica para intervenções políticas e militares

## **1. ORIGENS E AFINIDADES ENTRE O ISLÃ E A TRADIÇÃO JUDAICA E CRISTÃ**

O Islã foi fundado pelo profeta Muhammad no século VII é professado por um quinto da humanidade, abrigando entre seus fiéis uma enorme diversidade histórica, cultural e política. Os países de maioria muçumana estendem-se em uma faixa que vai do norte da África, com o Marrocos e a Mauritânia no extremo ocidental, ao sudeste asiático, com a Indonésia no extremo oriental. Destaca-se ainda a presença muçulmana no Paquistão, Irã, Índia, nos países europeus e na América. (PINTO, 2010, p. 23)

As três grandes religiões monoteístas, a saber, Judaísmo, o Cristianismo e o Islã, se reconhecem todos como descendentes do patriarca Abraão. Considerado o primeiro dos patriarcas bíblicos, Abraão recebeu de Deus a ordem de deixar a sua terra em busca da Terra Prometida com a promessa de ser o pai de uma grande nação. Após um longo período, já na Terra Prometida, Abraão ainda se encontrava sem herdeiros e, por sugestão de sua mulher Sara, acabou tomando a sua escrava egípcia Agar como sua esposa. Agar deu a luz a Ismael, cujos descendentes, segundo a tradição religiosa do Islã, deram origem ao povo muçulmano.

O profeta Muhammad pertence a uma linhagem sagrada de homens iluminados que se iniciou em tempos remotos com Moisés, que trouxe a Torá para os judeus, que passou por

Davi que escreveu os Salmos, com a vida esta registrada de Jesus no Evangelho que culminou em Muhammad, o último dos profetas a receber uma da revelação de Allah, revelação essa que constitui o desdobramento final das leis divinas o Alcorão. O Islã se considera como a continuação e o aperfeiçoamento das tradições judaico e cristãs, sendo incluídos entre os chamados Povos do Livro. O Judaísmo, bem como o Cristianismo e posteriormente o Islã são consideradas religiões de revelação onde o transcendente irrompe espontaneamente no mundo visível e se revela mediante mensageiros especiais, os profetas, que reiteram insistentemente o compromisso irrevogável do homem com Deus. (DEMANT, 2004, p. 31)

É importante assinalar que o caráter expansionista tornou o Islã uma religião culturalmente pluralista. Com efeito, as regiões para onde ele se expandiu são caracterizadas por uma multiplicidade de tradições culturais com as quais o Islã acabou estabelecendo trocas e diálogos. Para tal, a tradição sufi se tornou fundamental. Esta tradição surgiu como uma reação ao mundanismo que tomava conta do Islã, procurando assim purificá-lo e espiritualizá-lo de dentro para fora. (SMITH, 1991, p. 248) O sufismo propõe uma pluralidade de caminhos para uma experiência mística de Deus aqui e agora, na qual o divino é visto como amoroso. O sufismo tenta resgatar o sentido originário da experiência de Muhammad ao receber as revelações de Allah. Naturalmente, é uma tradição onde o reconhecimento das outras religiões se faz mais presente, por ter em sua formulação, influências monásticas cristãs e gnósticas. (DEMANT, 2004, p. 49)

Na Europa, o domínio muçulmano propiciou avanços significativos nas ciências, artes e filosofia. Sua presença em vastos territórios garantiu aos muçulmanos contatos com pensadores clássicos gregos como Platão e Aristóteles. Ao contrário do Cristianismo, que durante muito tempo restringiu o desenvolvimento dos estudos científicos e filosóficos, o Islã incentivou estes últimos, enxergando neles contribuição para a fé ao invés de ameaças. Ao longo prazo, a influência muçumana mais profunda sobre o pensamento europeu foi libertá-lo do dogma religioso. A devoção espiritual e a curiosidade intelectual, longe de se oporem uma à outra, se complementavam. Na verdade, a investigação científica era vista como uma obrigação religiosa, uma vez que o mundo da matéria era reconhecido como real e importante. (SMITH, 1991, p. 231)

Sobre a importância da influência muçulmana no movimento de florescimento cultural europeu, o Renascimento, Porto & Dias afirmam:

Além de Bagdá, como grande centro cultural e científico do Mundo Islâmico, podemos acrescentar outro, cuja importância para o Ocidente Medieval foi inegável. O Al Andalus – A Espanha muçulmana no período medieval – funcionou como uma autêntica ponte cultural, introduzindo na Europa, por volta dos séculos XII e XIII, não somente a ciência e a filosofia Árabes, mas também parte da filosofia grega, principalmente a obra de

Aristóteles. (PORTO; DIAS, 2009, p. 50)

Dessa forma, pode-se compreender como a filosofia e as ciências árabes impulsionaram a cultura ocidental nos tempos obscuros da escolástica cristã, sendo a base para o Renascimento Cultural e Científico da Europa a partir do século XV. O caráter igualitário sustentado pelo Alcorão permitiu ao Islã desde muito cedo, conviver com a pluralidade cultural e étnica. Por outro lado, como se considera uma continuação das tradições judaico e cristã, o Islã estabeleceu com estas tradições uma relação de respeito desde sua origem. Os conflitos posteriores que surgiram entre muçulmanos e cristãos, as Cruzadas e, mais recentemente, a questão da Palestina, tem sua origem em disputas territoriais e econômicas que por necessidade ideológica, se utilizam da religião como justificativa e legitimação.

## **2. GENEALOGIA DAS IMAGENS E PERCEPÇÕES ESTEREOTIPADAS DO ISLÃ**

A origem das imagens e percepções estereotipadas constitutivos do imaginário ocidental sobre o Islã não é recente. Ela se ancora em velhos conceitos medievais que emergiram na Europa em função de uma longa história de hostilidade entre cristãos e muçulmanos. (PORTO; DIAS, 2009, p. 50). Não há aqui a pretensão de apresentar uma história desses conflitos, mas os elementos principais que contribuíram para a construção dessas imagens e percepções.

A origem abraâmica das três religiões monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islã deu margem a grandes conflitos de interpretação entre essas religiões. A tradição do Islã considera Ismael, o filho da escrava egípcia Agar, como o descendente prometido que foi oferecido em sacrifício por Abraão a Allah. Já a interpretação judaico e cristã acredita que o descendente prometido oferecido em sacrifício foi Isaac, filho de Sara. Ambas as tradições consideram que os povos árabes que deram origem ao Islã seriam descendentes de Ismael e os descendentes de Isaac, o filho de Sara, deram origem ao povo judeu. Aqui se encontra o ponto de conflito já que para as tradições judaica e cristãs, o povo descendente do filho bastardo carrega consigo esta característica.

A cidade de Jerusalém constitui um locus geográfico de convergência entre Judaísmo, Cristianismo e o Islã. O povo judeu reconhece a cidade como um centro espiritual do Judaísmo por ter abrigado a capital do Reino de Davi e a construção do Templo Sagrado da Arca da Aliança. Para os cristãos, Jerusalém é considerada sagrada por suas referências no Antigo Testamento e por ter sido palco do calvário e morte de Jesus. A religião do Islã se considera descendente dos patriarcas bíblicos e atribui a Jerusalém o título de cidade sagrada,

por abrigar todos os eventos anteriormente citados e por ser considerado o local onde Muhammad ascendeu ao paraíso para dialogar com Allah e outros profetas. Dessa convergência nasce, entretanto um ponto de conflito: quem teria o direito legítimo de ocupação e controle de Jerusalém? Um dos argumentos que prevaleceu entre os muçulmanos, no período inicial de sua expansão territorial, foi o de que o Islã teria o direito ao controle de Jerusalém, pelo fato de abrigar a revelação última da tradição que remonta ao patriarca Abraão, que teria, portanto, Muhammad o “selo dos profetas” isto é, a revelação final de Allah. Foi neste contexto de reivindicação islâmica com relação a Terra Santa, cuja as motivações de fato eram predominantemente territoriais e econômicas, e da ação correlata dos cristãos e sua teologia de uma “guerra justa” que se originou o conflito das Cruzadas no início do século X.

Além de profeta, Muhammad foi um exímio estrategista militar responsável por iniciar uma expansão territorial surpreendente. Ele deixou como legado muitos ensinamentos relativos a conduta de guerra. De acordo com as interpretações predominantes do Alcorão, a “guerra justa” é ou I) ação defensiva II) ou ação que visa corrigir um erro. (SMITH, 1991, p. 246). Esta dimensão militarizada da missão do profeta denominada de *jihad* esta na origem de algumas das imagens estereotipadas do Islã como uma religião violenta e promotora da guerra. Comumente, como uma guerra exige um grande esforço, o conceito de “guerra justa” é associado ao de *jihad*, traduzido como esforço a favor de Allah. Esse caráter militarizado do profeta é associado a uma imagem de que o Islã é uma religião violenta e que promove a guerra.

As Cruzadas foram movimentos de conquista e reconquista de Jerusalém ocorridos durante os séculos X, XI, XII. A denominação “Cruzadas” foi cunhada a partir do ponto de vista cristão que considerava dever das populações cristãs - liderados pela Igreja e nobres católicos e atraída pela prosperidade e riqueza das cidades muçulmanas - combater o Islã e sua “usurpação” da Terra Santa. Neste sentido, a Igreja Católica pautada na teologia de “guerra justa” de Santo Agostinho construiu um discurso excludente em relação às outras religiões, que promoveu perseguições no decorrer de toda a Idade Média, que afetou tanto muçulmanos quanto judeus.

O objetivo da conquista da Terra Santa - onde Jesus sofreu seu calvário, morte e ressurreição – consagrou-se como um movimento de reafirmação da identidade cristã e também como um ponto de convergência das múltiplas pressões sociais e políticas da Europa. Apesar da campanha da tomada de Jerusalém ter conhecido sucesso em 1099, o domínio cristão na região durou menos de um século. No entanto, ele foi responsável pela criação de

um sentimento anti-muçulmano que se perpetuou substantivamente e que foi utilizada sistematicamente nos movimentos de resistência a ocupação europeia por parte do Islã como é o caso do movimento de Reconquista da Península Ibérica pelos cristãos, cujo epílogo é a união dos Reinos de Castela Aragão no final do século XV.

Sobre os estereótipos muçulmanos criados durante o período das Cruzadas Karen Armstrong relata:

Desde as Cruzadas, as pessoas do mundo cristão ocidental criaram uma imagem estereotipada e distorcida do Islã, visto como inimigo de uma civilização decente(...). Foi, por exemplo, durante as Cruzadas, quando os cristãos instigaram uma série de brutais guerras santas contra o mundo muçulmano, que os monges eruditos da Europa descreviam o Islã como uma crença intrinsecamente violenta e intolerante, que só pudera se impor pela espada. O mito da suposta intolerância fanática do Islã tornou-se uma das ideias aceitas no Ocidente. (ARMSTRONG, 2001, p. 237)

A afirmação acima ilustra bem a o processo de formação das percepções estereotipadas sobre os muçulmanos que passam a ser vistos como homens infiéis, pagãos, idólatras. Muhammad era visto como o falso profeta, o emissário do Anticristo. Até mesmo as atividades comerciais praticadas tradicionalmente pelos povos muçulmanos se tornaram fonte de grande preconceito no mundo cristão. A prática de se obter lucro era condenada pela Igreja Católica, posição essa que só se modificou com o advento da Reforma Protestante. Por outro lado, o papel das mulheres dentro do Islã passa também a ser alvo de incompreensões e críticas que perduram até os dias de hoje. A poligamia, o uso do véu, a submissão da mulher ao homem são alguns dos pontos questionados. Na Idade Média era comum os muçulmanos serem apontados como adúlteros. Contudo, as desigualdades de gênero não são exclusividade das sociedades muçulmanas. O Cristianismo, assim como o Judaísmo, também são religiões patriarcais, e os elementos mais restritivos em relação às mulheres encontrados no Alcorão possuem suas origens na Torá e na Bíblia Cristã.

O fim do domínio muçulmano na Europa, que tem seu clímax no movimento da Reconquista Cristã da Península Ibérica, coincide com a ascensão dos Estados Nacionais Modernos, além dos centros de dominação europeia, a civilização muçulmana sofreu com a decadência dos centros como Bagdá e Damasco caracterizados por uma estagnação político, militar e econômico. A Europa ocidental inicia um período de ascensão e expansão que culminou com a Revolução Industrial. Surgia uma Europa caracterizada pela busca incessante do progresso econômico e por um projeto de modernidade de fundo religioso cristão. Começa aqui a narrativa contemporânea de sobrevivência e exploração deliberada desses estereótipos sobre o mundo muçulmano originados no período medieval. O domínio

tecnológico e militar do Ocidente logo colocou em evidência a decadência interna dos Impérios muçulmanos. As regiões de grande predominância muçulmana foram transformadas pelo processo de modernização. Em vez de ser um dos líderes da civilização global, o mundo islâmico foi rápida e permanentemente reduzido pelas potências europeias, a um bloco dependente e alvo da dominação colonial dos séculos XIX e XX. (ARMSTRONG, 2001, p. 198)

### **3. REAÇÃO ISLÂMICA, QUESTÃO DA PALESTINA E GEOPOLÍTICA NEOCRUZADISTA**

A situação de dependência econômico-militar e a imposição dos valores liberais ocidentais estimularam reflexões intelectuais e a formação de movimentos políticos que buscariam reagir à penetração ocidental no mundo islâmico. Os novos valores liberais impostos pelos países ocidentais logo foram motivos de repúdio. A modernização das sociedades muçulmanas não era tão fácil de ser aceita ou realizada, pois dependiam da modificação de valores tradicionais. Esta dificuldade de adaptação à modernidade por parte dos muçulmanos, logo foi associada a uma imagem de povo atrasado e ineficiente pelo Ocidente. É neste contexto que surgem os movimentos fundamentalistas islâmicos. Não pretendemos aqui detalhar a história destes movimentos, mas tão somente acentuar os elementos que serviram de base para as reações fundamentalistas islâmicas que por sua vez, serviram de pretexto de legitimação e justificativa simbólica para as intervenções recorrentes do Ocidente em regiões do Oriente Médio, de maioria muçulmana. É importante salientar portanto que essa justificativa foi construída justamente a partir das imagens criadas no período medieval que são conscientemente reavivadas em momentos oportunos da contemporaneidade.

No final do século XIX e início do século XX, a maioria dos territórios muçulmanos no Oriente Médio, África e Ásia se encontravam sob o controle colonial das potências europeias. Mesmo após esses territórios conseguirem obter a sua independência, as relações de dependência com relação aos países europeus se perpetuavam através dos tratados econômicos e militares. A questão do Estado e de modelos nativos de soberania ganhou uma enorme relevância, direcionando as reflexões dos intelectuais muçulmanos para a elaboração do ideário do islã político (PINTO, 2010, p.147), ou seja, um quadro político institucional onde a população muçulmana poderia viver de acordo com os valores propostos pela religião. Aqui se destaca o papel da Irmandade Muçulmana fundada no Egito em 1928, por Hassan al Banna (1906-1949).

A Irmandade Muçulmana possuía a proposta de uma religião do Islã universalizante, sem divisões internas e um Estado Islâmico comprometido com a implantação da *shari'a* (caminho), um corpo de leis religiosas responsáveis por regular todos os aspectos da vida dos muçulmanos. Defendia ainda uma abordagem modernista do papel do Islã na sociedade, que incluía formas de lazer, prosperidade econômica e participação política, atraindo um grande número de jovens profissionais dotados de uma educação moderna. (PINTO, 2010, p. 149) Estes ideais logo foram disseminados para outras regiões como na Síria, Jordânia, Argélia, Marrocos e na Palestina. Após o assassinato de Hassan al Banna, a sucessão ideológica do movimento foi assumida por Sayd Qutb (1906-1966), considerado o pai do radicalismo islâmico. Defensor da ascese e da moralidade como condição fundamental para os indivíduos participarem da luta política, Sayd Qutb é também responsável pela elaboração de uma ideologia composta por uma visão negativa da sociedade ocidental e a defesa de um Estado Islâmico onde o controle econômico estaria baseado nas noções de justiça e equidade defendidas pela lei islâmica.

Recentemente a Irmandade Muçulmana ganhou grande destaque com seu apoio a onda de protestos conhecidos como Primavera Árabe. Estes protestos ocorreram a partir de dezembro de 2010, nos países do Oriente Médio, tinham como alvo os governos autoritários repressivos e as condições sociais e econômicas desfavoráveis. Como resultado, a Síria e a Líbia se encontram hoje em situação de guerra civil, e a Irmandade Muçulmana sofre perseguições por parte do governo do Egito.

Concomitante com o surgimento de movimentos fundamentalistas gestados no conflito entre tradição e modernidade destaca-se também o surgimento no mundo muçulmano de vários movimentos nacionalistas que se desenvolveram de forma diferenciada dos nacionalismos seculares ocidentais, devido a sua orientação religiosa. Estes movimentos nacionalistas são fundamentalmente árabes e estão intimamente ligados, tal como o nacionalismo judaico na Europa a questão central que domina a história contemporânea da região do Oriente Médio: a questão da Palestina.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe modificações profundas na região da Palestina. A Grã Bretanha não conseguia mais administrar a região devido às disputas entre os palestinos, que possuíam a ambição de se unirem a um Estado pan-árabe e a comunidade sionista de imigrantes ávidos por um Estado judeu. Os judeus sofreram terrivelmente com o holocausto nazista. Isto gerou um grande sentimento de culpa entre os Aliados após o fim da Guerra. Neste contexto, a criação do Estado de Israel em 1947 com a capital em Jerusalém permitiu ao Ocidente uma reparação histórica pelo holocausto nazista, mas também a criação



de uma barreira simbólica de proteção do Ocidente cristão contra a penetração islâmica.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se um processo de migração judaica em direção a Palestina, região esta de domínio inglês. Inicialmente, esta migração foi combatida pela Grã-Bretanha, mas a grande comoção mundial em relação ao flagelo do povo judeu durante o holocausto nazista levou Grã-Bretanha entregar o território Palestino para as Nações Unidas. Após a aprovação de uma resolução internacional, criou-se em 1948 o Estado de Israel, ocupando as terras onde estavam concentrados os imigrantes judeus. A imposição de um Estado governado por judeus não levou em consideração os antigos habitantes da região, que associavam à criação deste Estado à continuação da dominação e dependência em relação às nações ocidentais. A tensão acabou gerando conflitos militares entre judeus e palestinos resultando na consolidação do Estado de Israel com a expansão ilegal - ainda que justificada em termos de uma necessidade de segurança - dos territórios iniciais e um grande número de refugiados palestinos em direção aos países árabes vizinhos. Os territórios palestinos ficaram concentrados em regiões não interligadas da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Atualmente, o que se assiste é o reconhecimento por Israel de uma Autoridade Palestina, contudo, não há a consolidação deste Estado. Entre as principais reivindicações dos palestinos está a constituição de um Estado Nacional Palestino com interligação territorial e o retorno das populações refugiadas.

Os conflitos territoriais e políticos entre os palestinos e os judeus logo acabaram tendo como justificativa ideológica a religião. Em um território considerado sagrado por ambos quem tem o direito legítimo de ocupação? Os Estados Unidos juntamente com a Grã-Bretanha é, reconhecidamente, os maiores aliados do Estado de Israel. A forte presença de imigrantes judeus no território americano, bem como a forte presença das igrejas fundamentalistas protestantes, ambos possuindo forte influência nos rumos da política americana, justificam esse amplo apoio. Os fundamentalistas protestantes condicionam o segundo advento de Jesus à conversão dos judeus, e esta conversão, por sua vez, a volta dos judeus à Terra Prometida (DEMANT, 2004, p.185), justificando assim simbolicamente a formação e o apoio ao Estado judeu na Palestina.

A partir da década de 1970 as crises sociais, econômicas e políticas enfrentadas pelos países árabes ficaram cada vez mais evidentes. Mesmo sendo reconhecidos como os maiores produtores mundiais de petróleo, o crescimento acelerado da dependência com relação aos países ocidentais no que tange ao fornecimento do combustível, não significou melhorias nas condições de vida da maioria das populações destes países. Os povos que ocupavam o

território da Palestina sofriram também com a crise econômica e social agravada pela situação política. É neste cenário que a ideologia fundamentalista islâmica surge como resposta as crises enfrentadas pelos povos muçulmanos.

Peter Demant define o fundamentalismo islâmico como:

(...) uma ideologia política antimoderna, anti-secularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Allah e estabelecer o reino de Allah em toda a Terra. (DEMANNT, 2004, p. 201)

O movimento fundamentalista não é uma exclusividade da religião do Islã. Na realidade ele surge nos Estados Unidos em meio ao protestantismo cristão como uma forma de combater as ideias modernas e liberais que tomavam conta do país no início do século XX. Versões fundamentalistas existem hoje em várias religiões como no Hinduísmo, Budismo e o Judaísmo.

A maioria dos movimentos fundamentalistas islâmicos estão localizados em regiões estratégicas de grande produção petrolífera. No caso da Palestina, eles desenvolveram uma narrativa de ameaça a integridade do território de Israel. São geralmente regiões onde se fazem presentes grupos sociais e comunidades que se vêem abandonadas pela falta de assistência do Estado, onde predominam a pobreza e a falta de perspectiva. Os fundamentalistas consideram-se “muçulmanos autênticos”, seres convocados a reformarem a sua religião e justificando o uso da violência a partir de uma leitura conveniente e controversa das fontes sagradas. O conceito de *jihad* “guerra justa” passa a ser utilizado como uma carta branca para ações de resistência violenta. Esses movimentos surgem, portanto, como uma resposta à modernidade e aos ideais liberais e tendem a responsabilizar o Ocidente pela opressão social, política e econômica das populações muçulmanas. Sua ascensão coincide com o fim da Guerra Fria que colocara em confronto dois polos ideológicos e antagônicos de poder: Estados Unidos e a União Soviética. Com isso, surgiu um novo inimigo declarado do Ocidente: os movimentos fundamentalistas islâmicos. A tendência no Ocidente foi a de generalizar estes movimentos como representantes de uma atitude inerente a religião do Islã.

Ao se referir as percepções ocidentais sobre o Islã, Edward Said afirma:

(...) o que é definido atualmente como “Islã”, tanto na Europa como nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidades e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente. Contudo, isso é algo muito diverso daquilo que o Islã é realmente para os muçulmanos que vivem em seus domínios. (SAID, 2003, p. 333)

A partir da afirmação de Said, percebe-se que o Ocidente precisava construir um discurso para justificar uma nova geopolítica. O inimigo necessitava ser construído no imaginário e combatido nas frentes militares. A generalização das características desses movimentos fundamentalistas como sendo constitutivas do Islã levam ao esquecimento das contribuições dessa civilização na formação da própria modernidade europeia. A necessidade de combater o terrorismo fez o Ocidente se blindar contra a presença muçumana. Mesquitas foram atacadas e imigrações de origem muçulmana para os países europeus foram intensamente combatidas.

Um importante movimento político no Oriente Médio ocorreu no Irã. Liderado pelo líder religioso Ayatollah Khomeini (1900-1989), a Revolução Iraniana (1979) teve como influência intelectual os discursos e estudos de Ali Shariati (1933-1977), responsável por elaborar uma teoria onde o Islã surgia como uma alternativa ao capitalismo e ao socialismo. Pode-se dizer que a Revolução Iraniana foi o auge do Islã político na modernidade, pois foi a primeira vez que um movimento revolucionário chegou ao poder constituindo um Estado Islâmico.

Outro evento significativo nas relações entre o Ocidente e os países do Oriente Médio é a Guerra do Iraque. Iniciada com a invasão do Kuwait pelo Iraque, liderado por Saddam Hussein (1937-2006), a guerra ocorreu entre os anos de 1990 e 1991, e tomou proporções internacionais quando a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a intervenção das forças internacionais lideradas pelos Estados Unidos. A invasão foi motivada pelas condições financeiras econômicas precárias enfrentadas pelo Iraque e por motivações territoriais. O Kuwait possui grandes reservas petrolíferas, é uma região litorânea do Golfo Pérsico, e seu território fazia parte da província de Basra na época de dominação do Império Otomano, justificando a reivindicação iraquiana aos seus territórios. A maioria dos países árabes apoiou a coalizão ocidental, mas a grande massa da população apoiou Saddam que, inteligentemente, não descartou a possibilidade de uma retirada do Kuwait, mas a vinculou essa retirada à retirada israelense dos territórios palestinos. Saddam Hussein imediatamente se tornou a esperança dos palestinos e de milhões que se identificavam com eles. (DEMANT, 2004, p. 251) A derrota do Iraque tornou as potências ocidentais extremamente impopulares na região. As sanções que se seguiram no fim do conflito, desencadearam uma miséria sem precedentes entre a população. Esta situação humilhante incitou o ódio dos muçulmanos, e foi utilizada por movimentos fundamentalistas islâmicos como uma das justificativas para atentados terroristas contra os países ocidentais.

O Ocidente e o Islã possuem uma história em comum que nem sempre foi constituída por hostilidades. Mesmo assim, os preconceitos estão arraigados em ambos os lados. A modernização e as ideias liberais e secularizantes do Ocidente provocam reações dentro da religião do Islã impedindo os muçulmanos de buscarem formas de desenvolvimento econômico alternativo, alicerçadas na tradição. Neste contexto uma das vertentes destas reações é a violência perpetrada pelos grupos fundamentalistas. No Ocidente, predominam duas atitudes em relação às comunidades muçulmanas. De um lado, há uma tentativa de integração dessas comunidades e esforços para a resolução dos conflitos, principalmente com o reconhecimento da legitimidade e do direito a existência de um Estado Palestino. Por outro lado, há um movimento de rejeição destas comunidades que da origem a uma série de atitudes negativas frente ao Islã. Essa atitude anti-islâmica se utiliza de estereótipos que apregoam a existência eminente de uma ameaça a ordem demográfica e cultural no Ocidente que daria margem a ocorrência de fenômenos geopolíticos percebidos como sendo de grande periculosidade: terrorismo e a subtração do controle das reservas petrolíferas e de armas de destruição em massa que seriam ações pretensamente perpetradas por grupos fundamentalistas islâmicos.

Sobre a construção do discurso da hostilidade histórica do Islã e o Ocidente Peter Demant afirma:

Citações de Osama Bin Laden que afirmam serem os muçulmanos o novo desafio ao Ocidente facilmente comprovam o choque inevitável: abre-se um ciclo vicioso de reforço recíproco entre propaganda islamista e anti-islâmica. A insistência no *hijab* nas escolas públicas francesas, a luta em prol da proibição do livro *Versos Satânicos*, de Salman Rushdie, autor anglo-indiano que teria insultado o profeta Muhammad, desencadeada por grupos muçulmanos na Grã-Bretanha e outros incidentes semelhantes colocaram a minoria muçulmana negativamente sob os holofotes. Em seguida, o provável envolvimento em atos de terror de pequenos grupos islamistas dentro do Islã europeu completou a imagem negativa de Islã primitivo-obscurantista, opressor de mulheres, com a do islã perigo – violento e ainda muito mais ameaçador. (DEMANT, 2004, p.180-181)

A afirmação acima ajuda a compreender a construção simbólica em torno do Islã. Essa religião é normalmente vista como culturalmente homogênea e essencialmente fundamentalista e terrorista. Os estereótipos fundamentam-se numa generalização indevida: a de que a violência e o terror são armas utilizadas por potencialmente qualquer membro da comunidade islâmica. Porém, trata-se de uma visão distorcida pois, a grande maioria da população e dos grupos militantes, como por exemplo, as irmandades sufis pretendem implementar a islamização da sociedade sem desafiar a ordem existente de maneira violenta e revolucionária.

Dentre os vários episódios envolvendo o Ocidente, as nações muçulmanas e os grupos fundamentalistas islâmicos, os atentados da organização terrorista Al Qaeda ao World Trade Center Torres em Nova York - consideradas símbolo do poder financeiro dos Estados Unidos – foram com certeza os eventos que mais repercutiram na opinião pública ocidental. Na realidade, o ataque da Al Qaeda ao World Trade Center foi apenas o auge de uma série de atentados cada vez mais audaciosos contra os interesses e símbolos norte americanos, justificando a intervenção militar destes últimos, nos países que abrigavam a organização. Fazia-se necessário “libertar” o povo muçulmano de regimes ditatoriais que davam suporte a grupos terroristas, fazia-se necessário “libertar” o povo da miséria, da opressão, e finalmente de regimes contrários à modernidade e a civilização.

A fala do presidente dos Estados Unidos, J. W. Bush convocando o povo americano para uma guerra contra o terrorismo usando como referência as Cruzadas, constituiu, por assim dizer, uma declaração de guerra do mundo cristão “moderno” contra o mundo muçulmano “atrasado”. Vale salientar, novamente, a forte influência dos protestantes fundamentalistas na política americana e sua visão maniqueísta da realidade partilhada entre o Bem e o Mal absolutos.(DEMANT,2004, p.185). No entanto, o discurso que retomava a época das Cruzadas também foi proclamado pelo líder da Al Qaeda, na convocação do povo muçulmano contra o Ocidente logo após a invasão norte-americana no Afeganistão, território dominado pela organização. Aqui pode-se apontar que as posições assumidas por ambos os lados na época das Cruzadas estavam cristalizadas no imaginário de ambos.

Apesar de, posteriormente, o presidente J.W. Bush e os líderes europeus tentarem amenizar o discurso e pretender justificar as invasões ao Afeganistão e ao Iraque como ações que procuravam libertar as populações locais de regimes políticos ditatoriais e violentos, a propaganda ocidental cada vez mais reforçou os estereótipos do Islã. Iniciava-se uma campanha neocruzadista onde o Ocidente com papel modernizador e civilizador teria a missão de levar aos povos muçulmanos a liberdade, com a democracia e Estado laico.

## **CONCLUSÃO**

O Islã é a religião que mais cresce no mundo, comportando entre seus fiéis uma grande variedade étnica e cultural, e sua origem possui grande afinidade com a tradição judaica e cristã. Contudo, conflitos territoriais e políticos acabaram transformando essas afinidades em fontes de criações de imagens e estereótipos negativos sobre a religião.

A formulação das imagens negativas e estereótipos desde a época das Cruzadas, com a

ascensão ocidental foi utilizada como justificativa de intervenções. Para um povo atrasado, oprimido era necessário um salvador capaz de garantir as liberdades políticas e sociais, papel a ser exercido pelos países ocidentais. A solução dos conflitos passa pela necessidade de desconstruir e denunciar estas justificativas simbólicas. O Ocidente tem que reconhecer que há outras formas de convivência social, política e religiosa, isto só pode ocorrer com um maior conhecimento histórico e teológico a respeito destes povos. A desconstrução e a denúncia desta justificativa simbólica colocariam em evidência a face brutal das economias e das políticas ocidentais.

A necessidade emergencial da resolução dos conflitos é cada vez maior, tanto pela necessidade de por fim a violência de ambos os lados, quanto pela necessidade de se promover o desenvolvimento social, econômico e político das regiões do Oriente Médio de predominância muçulmana. É esta emergência que traz a necessidade de reformulação da visão Ocidental sobre a religião do Islã. A resolução destes conflitos está ligada a promoção do diálogo e do conhecimento mútuo. É necessário que o Ocidente reconheça que a religião do Islã é plural, que abriga várias formas de crer e de ser. Faz-se igualmente necessário reconhecer que os movimentos fundamentalistas islâmicos são plurais e reivindicam interesses múltiplos, que a apologia à violência não representa o ideário da tradição de Muhammad.

1494

## REFERENCIAS

ARMSTRONG, Karem. **O Islã**. Trad: Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Desafios Islamistas, Respostas Ocidentais. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n.3, p.1-28, 2004.

GEERING, Lloyd. **Fundamentalismos**. Trad: Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GOMES, Ingrid. Tensões nas representações do Islã na História. **Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**. abril, 2012. Disponível em:  
<http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom/Trabalhos> Acesso em: 1 set. 2014.

HUTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Trad: M.H.C. Cortês. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

ISBELLE, Sami Arned. **Islam: a sua crença e a sua prática**. Rio de Janeiro: Azaan, 2003.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Islã: religião e civilização. Uma abordagem antropológica**. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

PORTO; DIAS. A contribuição do Islã para a ascensão da Europa Ocidental. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v.11, n.1, p.46-51, jan/ dez. 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das

Letras, 2003.

SAYYID, S. Islam(ismo), eurocentrismo e ordem mundial. Trad: João Paulo Moreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v.69, p.53-72, out. 2004.

SMITH, Huston. **As Religiões do Mundo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). **Fundamentalismos religiosos contemporâneos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. Reação e Identificação nas Relações entre Fundamentalismo Islâmico e Modernidade. **Caminhos da História**, Vassouras, v.7, p.109-117, 2011.

TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e Diálogo Inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.